

Literatura e comunicação: ampliando fronteiras

Jeová Rocha de Mendonça¹

Resumo: Apresentação de considerações recentes sobre o conceito de comunicação, com destaque para três nomes atuais: Gregory Bateson, Iuri Lotman e Winfred Nöth. A partir de confluências no pensamento desses pesquisadores, também apresenta-se a poesia de Walt Whitman, que, antecipando-se aos postulados hodiernos, demonstra uma revisão do ato de comunicação e de suas fronteiras para outros territórios que não apenas o antropocêntrico.

Palavras-chave: comunicação; literatura; Walt Whitman

Abstract: Some reflections concerning the concept of communication highlighting three important contemporary researchers: Gregory Bateson, Iuri Lotman and Winfred Nöth. According to their investigations' convergence, we also introduce Walt Whitman, whose poetry anticipated a review of the act of communication and its frontiers over and above the anthropocentric territory.

Keywords: communication; literature; Walt Whitman

O homem é um fragmento indivisível da Divindade Universal
Gabriel Sarin

No princípio de seu artigo, *The evolution of communication*, Marc Hauser (1996, p. 1) diz que “nada funcionaria na ausência de comunicação”. O conceito de comunicação tem sido revisto e ampliado, como demonstram várias pesquisas e ensaios publicados: o livro de Hauser (e seu título), embora não objetive tratar especificamente dos conceitos de comunicação, já se apresenta como exemplo disto. Mas tem sido o repensar as fronteiras e os processos da comunicação que nos habilita afirmar, ainda de posse das palavras deste autor, que tudo em nosso planeta e no universo funciona a partir da comunicação. De sua parte, Hauser, instruído com as pesquisas no âmbito da biologia, objetiva apresentar os fatores causais responsáveis pela evolução da diversidade de sistemas comunicacionais no mundo natural. Outras áreas como a sociologia, a psicologia e, evidentemente, a lingüística já nos convenceram das operações de informações naquilo que é objeto específico nestas disciplinas. No entanto, muitas dessas definições para comunicação se limitam à

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestre em Letras (UFPB). Professor do Depto. de Letras Estrangeiras Modernas (UFPB). E-mail: georocha@uol.com.br

especificidade dessas disciplinas. Toda comunicação para Saussure, por exemplo, tinha na linguagem social humana seu único referencial. A maioria destas definições, conseqüentemente, toma caminhos que divergem mais do que convergem para um conceito de alcance transdisciplinar ou ecológico.

Na tentativa de ampliar o campo conceitual de comunicação para além das restrições da disciplinaridade e de suas limitações é que pesquisadores como Gregory Bateson (1970), Iuri Lotman (1984) e Winfred Nöth (1998), entre outros, têm apresentado estudos que revisam postulados anteriores, e propõem, cada um a seu modo, arrazoamentos que não só alargam a noção, mas também nos alertam sobre os perigos de continuarmos tolerando a tendência ao isolamento dos “ramos” do conhecimento (artístico, científico, histórico etc.), ou seja, tolerando a disciplinaridade.

O objetivo deste artigo é apresentar, resumidamente, as propostas desses pesquisadores, demonstrando a confluência de seus pensamentos e como ela incide sobre uma revisão nos conceitos de comunicação, atualizando-os e/ou propondo seu redimensionamento. Ao mesmo tempo que confrontamos as idéias destes pesquisadores, pretendemos averiguar qual a posição do homem dentro destas novas propostas. Expliquemo-nos: se, por muito tempo, o antropológico foi uma referência prevalecte nos conceitos de comunicação², quais mudanças podem-se destacar nos atuais postulados? Houve mudanças? São elas pertinentes?

Podemos adiantar que a maioria desses pesquisadores concorda (porque explicitamente mencionam em seus textos) que a arte e seus artistas, há muito, se anteciparam aos atuais conceitos de comunicação. Isso se encontra “dito” em diversos exemplares de textos artísticos, ou o próprio inter-relacionamento das várias artes exemplifica um processo de comunicação diferente do postulado tradicional, o qual prevê, por exemplo, um código comum para efetivação da mensagem entre seus participantes³. Como vemos, as artes, em sua diversidade, dialogam entre si independentemente de diferentes códigos em que possam se constituir. Neste artigo, procuraremos apresentar e avaliar os estudos dos pesquisadores acima mencionados buscando no exemplo da literatura a validação de suas idéias.

² Em simples consulta a um bom dicionário, descobriremos que a definição de comunicação está quase que exclusivamente associada a uma fonte e destinatário humanos. Fala-se em comunicação de massa, comunicação interpessoal, comunicação social etc., em que seus participantes são humanos ou, de alguma forma, têm no homem sua referência principal.

³ Segundo a Teoria da Informação, a comunicação se realiza pela transmissão de mensagem entre uma fonte e um destinatário, distintos no tempo e/ou no espaço, utilizando um código comum.

O ato de comunicação na semiosfera

Começamos com Iuri Lotman (1984)⁴. O seu texto busca na descrição das relações entre os seres vivos na biosfera uma analogia para as semioses realizadas entre os sistemas sógnicos (linguagens e textos) dentro do que chama “semiosfera”. Neste espaço, os sistemas semióticos convivem num meio heterogeneamente constituído e organizado (Lotman, 1984: 133-35).

Lotman apresenta alguns traços que caracterizam a semiosfera. A noção de fronteira é uma delas. Parece estranho definir fronteira para um conceito de campo abstrato que é peculiar à semiosfera. Ainda assim, existe uma fronteira que separa os textos alosemióticos ou os não-textos, daqueles que se encontram dentro do espaço semiósferico e que, portanto, convivem em semiose. A passagem possível dos não-textos para a semiosfera acontece na fronteira que, no dizer de Lotman, se constitui pela “soma dos tradutores-‘filtros’ bilingüais”. Estes permitem, como já se deve supor, a tradução de um texto a outra(s) linguagem(ns) de fora para dentro da semiosfera, ou entre sistemas no interior da própria semiosfera. A distinção texto/não-texto (e a impossibilidade de contato entre estes) sugere, ela própria, o caráter fechado da semiosfera. Mas aí também se percebe o caráter funcional da fronteira ao filtrar mensagens externas, traduzi-las em linguagem ou convertê-las em informação.

Esta organização de sistemas heterogêneos de que falamos acima pressupõe a semiose que, noutras palavras, tem base dialógica e, portanto, comunicativa. Noutras palavras, o conceito de comunicação que está sendo analisado aqui se distancia daquelas (simples) considerações tratadas na nota número 3, para discutir comunicação ao nível de sistemas sógnicos, i.e., a tradução ou passagem de mensagens ao nível de códigos no espaço da semiosfera. Uma ênfase especial parece ser dada à fronteira do espaço semiósferico que pode ser “vista” com relativa clareza quando se pensa em semiótica da cultura e sua composição de mesclas de diversas culturas: as intercomunicações culturais podem ser observadas pela tentativa de conversões ou traduções em linguagens dos textos que compõem a especificidade de cada uma destas esferas culturais. Para Lotman,

tomar consciência de si mesmo em um sentido semiótico-cultural significa tomar consciência da própria especificidade, da própria contraposição a outras esferas. Isso faz acentuar o caráter absoluto da linha com que a dada esfera está contornada (Lotman, 1984, p. 136).

Quando Lotman fala aqui de “tomar consciência de si mesmo”, isso nos dispõe a concluir que sua posição em relação aos atos de comunicação dentro da semiosfera (embora não descarte as relações sógnicas entre todos os seres vivos) parece privilegiar as relações de comunicação do homem com seus artefatos culturais, prevendo que ele como ser pensante possa, racionalmente, perceber as fronteiras que separam os diversos sistemas culturais e entender os processos de comunicação entre

⁴ Não estamos preocupados em seguir uma ordem cronológica na exposição dessas pesquisas, e sim, como veremos, em estabelecer suas afinidades e avaliar seu conjunto.

as várias esferas semióticas realizados nestas fronteiras. O ato de comunicação na semiosfera para Lotman é um ato que se fundamenta pela consciência de se estar presente como signo cultural nesta semiosfera e de interagir com as esferas culturais em sua diversidade de linguagens. Em uma palavra, percebe-se até aqui uma visão antropocêntrica de comunicação; a não ser que vejamos esta “consciência” como pertencente a outros sistemas não-humanos (mas igualmente sistemas vivos?). De qualquer forma, prossigamos em conhecer o conceito de semiosfera segundo Lotman. Talvez, assim, possamos rever nossas próprias conclusões até aqui.

As diferentes linguagens/estruturas internas que convivem (se comunicam) no espaço da semiosfera, diz ele, apresentam características isomórficas em relação ao todo semiótico que as integram. Lotman exemplifica este fato ao sugerir que um texto verbal e um texto icônico podem não ser, à primeira vista, isomórficos entre si, mas quando os relacionamos ao mundo extrasemiótico da realidade o qual representam, os elementos isomórficos podem ser percebidos. Para ressaltar a característica dialógica entre textos, Lotman diz:

(...) a consciência é um intercâmbio de mensagens – desde o intercâmbio entre os hemisférios cerebrais até o intercâmbio entre culturas. A consciência sem comunicação é impossível. Neste sentido, pode-se dizer que o diálogo precede a linguagem e a gera.

(...) A simetria especular cria as relações necessárias de diversidade estrutural e semelhança estrutural, que permitem construir relações dialógicas. Por um lado, os sistemas não são idênticos e sustentam diferentes textos, e, por outro, se transformam facilmente um em outro, o que garante aos textos uma traduzibilidade mútua. Se se pode dizer que, para que o diálogo seja possível, seus participantes devem, por sua vez, ser diferentes e ter em sua estrutura a imagem semiótica da contraparte [*kontragent*], então o enatiomorfismo é uma “máquina” ideal elementar de diálogo (Lotman, 1984: 44, 46).

Lotman é claro: a consciência representa um intercâmbio de mensagens entre seus participantes, ou seja, ela é a própria comunicação. Mas, com a citação, também fica claro que a consciência de que se fala aqui não se restringe ao campo cerebral de participantes humanos: ela (a comunicação) se processa igualmente entre textos da cultura. Isto é, a cultura, segundo Lotman, apresenta seu potencial para comunicação – sua própria consciência – a partir da qual dialoga não apenas com o homem, mas também com os vários sistemas culturais entre si.

Mas não é o cultural um produto humano? Não estaria assim a “consciência do homem” em posição privilegiada, ou melhor, em posição de determinação sobre a “consciência da cultura” uma vez que ele mesmo é quem produz essa cultura, a preserva ou aprimora através da comunicação e cooperação de seus participantes? Ora, a cultura existe porque o homem existe!

Talvez precisemos aqui rever um pouco do conceito de cultura. Tomemos a definição de Roland Posner (1997), para o qual ela pode ser caracterizada em três níveis: a cultura social, a cultura material e a cultura mental. No primeiro caso se

evidencia a relação entre seus indivíduos; no segundo, dá-se a relação dos indivíduos desta sociedade com os artefatos que produz; e, por último, na cultura como mentalidade, os valores, costumes etc. determinam as relações destes indivíduos na sociedade. Como uma de suas teses para definição de cultura postula que ela é constituída pela semiose, ele conclui:

(...) a sociedade é definida como um conjunto de usuários de signos, a civilização como um conjunto de signos, e a mentalidade como um conjunto de códigos. Esta abordagem fornece uma base teórica para relacionar os três níveis entre si: *os usuários de signos não podem existir sem a semiose, que envolve signos e códigos* (1997: 38) (grifo nosso).

Ora, o que reencontramos em nossos argumentos até o momento é a própria semiosfera apresentada por Lotman. E se tomarmos o conceito de cultura acima apresentado, reconheceremos neste espaço de relações sógnicas, se não a proeminência do antropológico (já que a comunicação via signos e códigos pressupõe a presença de seus usuários!), ao menos a sua evidência.

Em suma, o que podemos destacar até aqui? Em primeiro lugar, Lotman quando fala de comunicação, sua ênfase recai sobre os conceitos *semióticos* de comunicação. Segundo, o processo de diálogo comunicativo (intercâmbio) se realiza no *espaço semiósferico*. Este processo pode se concretizar desde um nível cerebral até um nível cultural. Por último, no texto tratado, a comunicação via signos e códigos, mesmo que destaque o intercâmbio de textos na fronteira semiósferica, parece não poder apartar-se de um referencial humano.

Voltemos um pouco à superfície e tomemos fôlego para um novo mergulho em outra pesquisa. Quem sabe assim possamos, com outras associações, firmar nossos objetivos.

“Mente” como sistema ecológico comunicacional

O sentido de “consciência” empregado por Lotman pode, talvez, ser relacionado ao que, em outro artigo, Gregory Bateson chamou de “mente”. Semelhantemente ao espaço semiósferico em que se realizam diálogos entre sistemas e linguagens, Bateson propõe um conceito de mente a partir das relações entre os seres no mundo físico, os quais são objetos de estudo do que ele denomina as ‘ciências duras’. Mas, segundo Bateson, devemos ampliar nossa idéia de mente para além do que se encontra no subsistema humano, i.e., que se restrinja àquilo que se realiza nos limites do encéfalo. Bateson defende que as relações informacionais de uma mente individual humana ultrapassam esses limites, os limites da pele, e se estende mesmo para o exterior/ambiente. O exemplo dado por esse autor das relações informacionais mantidas entre um cego e sua bengala ao caminhar revela a amplitude que se pretende alcançar com o conceito de mente. Um conceito que avance do sistema biológico (i.e., do material e limitado) para o de ecossistema. Que não se limite ao bioenergético, mas que se fundamente numa ecologia informacional,

em que “as fronteiras têm que incluir, sem cortá-las, as vias pertinentes” (1993: 488-91).

Certamente, a relação entre mente e ambiente se assemelha ao produto dialógico de que falava Lotman quando dizia da traduzibilidade mútua entre sistemas no âmbito da semiosfera. Há semelhanças também no fato de que é a partir da idéia de “mente” e “consciência” (atenção: palavras que nos remetem a propriedades ou atributos da espécie humana) que esses autores fazem ampliar as possibilidades de comunicação que se fundamentam primeiramente na concepção de relações comunicativas ao nível do homem e que, em outros níveis (biológico etc.) parece ter na linguagem humana como que um modelo de funcionamento. Bateson, por outro lado, fala de mente humana como “subsistema”, e, dessa forma, parece sugerir a revisão de um conceito de comunicação, rejeitando seu antropocentrismo e reposicionando o homem numa hierarquia não privilegiada se comparada aos outros seres e sistemas.

O argumento desse pesquisador é bem contundente. Como se pode conferir pelo seu texto, Bateson questiona em seus estudos o paradigma cartesiano que faz a divisão entre mente e corpo (matéria) ou sujeito e objeto. O conceito de mente, por ele defendido, vem desfazer certos mitos: a posição “privilegiada” do homem no cosmo deve ser totalmente revista. Apesar de operar em seu meio através de uma “mente pensante”, o homem integra ecologicamente um espaço mental no qual ele representa uma parte importante. No entanto, como na placa holográfica sugerida por Edgar Morin, o homem e sua mente são apenas uma parte de um todo complexo de outras partes/mentes que compõem um espaço maior de relações de comunicação e organização interdependentes ao qual ele chama “mente”. Bateson, dessa forma, apresenta um campo conceitual mais amplo, reavaliando assim conceitos tradicionais de comunicação. Sua proposta se fundamenta numa mente ecológica. Segundo ele, se o homem se posiciona à parte deste ambiente, considerando-se livre para explorá-lo indiscriminadamente, o final será destruição – ou como já nos adverte Edgar Morin, o efeito voltará à causa.

Embora compreendamos e concordemos com a asserção de Bateson em torno do conceito de mente, fica óbvia (diante da ameaça sofrida constantemente pelo ambiente biosférico) a incapacidade que o homem, como mente pensante, tem demonstrado de dialogar “amistosamente” com outros sistemas no mundo natural. Voltamos, então, a falar em biosfera? De certo, os autores até aqui mencionados partiram da noção concreta do ecossistema de nosso planeta e fundamentaram o conceito de uma ecossemiótica. Mas se estamos tentando demonstrar que uma visão antropocêntrica de comunicação parece não mais se justificar, surpreendemo-nos com o fato de que o homem neste ambiente biosférico se comunica mal e, pior, parece deter o poder de destruição deste sistema. Portanto, se não um privilégio, o homem se apresenta estrategicamente⁵ em relação ao seu ambiente, pondo-o na iminência de

⁵ O fator estratégico de que falamos aqui não é outro senão a própria linguagem humana. Segundo Widdowson (1997: 10), “uma razão da busca humana por abstração obviamente é que nós somos dessa forma habilitados a categorizar a realidade, e, em certo grau, controlá-

colapso comunicacional! Diante destes últimos parágrafos, parece até que estamos nos desviando de um assunto para um outro. Perdendo mesmo o fio da meada! No entanto, se aparentemente estamos deixando de falar de comunicação e semiótica para discutir problemas ambientais, o fato é que, a partir de Lotman e principalmente com Bateson partimos de considerações relativas à biosfera para questões semióticas e de volta para considerações ecológicas nos termos que ficaram evidentes nestes últimos parágrafos.

Se, com Lotman, o conceito de comunicação se estende ao limite da cultura semiosférica, com Bateson a comunicação parece alcançar uma abrangência maior ao propor o conceito de mente. A comunicação via sinais e códigos, com este conceito, estaria subordinada a constatação da presença de mente no universo quer orgânico, quer inorgânico. Um conceito ecológico de comunicação está intimamente relacionado a este conceito. Poderíamos dizer até aqui que Bateson, mais do que Lotman, se distancia de uma definição de comunicação ancorada ao referencial antropocêntrico.

O conceito de ecosemiótica segundo Winfried Nöth

Um terceiro nome que se associa aos rumos teóricos desenvolvidos até aqui é o de Winfried Nöth. Entre suas publicações, queremos destacar seu artigo “Ecosemiotics” (1998), no qual discute ecologia e suas implicações semióticas. O nome do pesquisador Gregory Bateson, anteriormente discutido, é relacionado aqui a uma “ecologia da mente”. De fato, Nöth procura levantar um histórico do conceito de ecologia em que a compreensão de “ambiente” e as relações dos seus organismos se ampliam à medida que seu artigo convoca a pesquisa de outros cientistas. Assim, o conceito de “ambiente” e as relações de comunicação entre organismos em seu texto chega bem perto da noção de mente apresentada por Bateson, e muito mais próxima da idéia de Semiosfera de Lotman quando ele (Nöth) discorre sobre ecosemiose. Iuri Lotman, no entanto, não é mencionado em seu artigo, mesmo que este tenha, igualmente, apresentado os fundamentos de uma ecosemiótica, como se sugere pela citação seguinte:

A biosfera tem uma estrutura completamente definida, que determina tudo que ocorre nela, sem exceção alguma (...) O homem, como se observa na natureza, assim como todos os organismos vivos, como todo ser vivo, é uma função da biosfera, em um determinado espaço-tempo desta (Vernadski 1960, apud Lotman, 1984: 135).

Logo adiante, o próprio Lotman conclui: “Também nas questões da semiótica é possível um enfoque análogo. Pode-se considerar o universo semiótico como um la. Como indicado anteriormente, a linguagem nos habilita a agir (*be proactive*) bem como reagir (*be reactive*), e, em alguns aspectos, fazer o mundo conformar-se a nossa vontade”. Acrescentamos, no entanto, que, em ser assim agredido, o mundo natural, com sua linguagem própria, *tem respondido* a estas agressões.

conjunto de distintos textos e de linguagens fechadas, umas em relação as outras” (1984: 135).

Mas consta que o termo *ecosemiótica* não foi criado ou utilizado quer por Lotman, quer por Vernadski. E, além de uma ecologia da cultura de um *homo semioticus* como foi explorada por Lotman e sua Semiosfera, sem dúvida, tanto o campo conceitual de ecologia e ecosemiótica tem se ampliado com contribuições posteriores à definição de “ambiente”. E parece-nos ser esse conceito que Nöth se preocupa em discutir quando defende o estudo ecológico da perspectiva do *organismus semioticus*. De um *homo semioticus* para um *organismus semioticus*, damos um passo que se desloca de processos de comunicação em torno do homem para a ampliação de comunicação (relações e recíprocas influências) entre todos os organismos vivos, independentemente de privilégios. Noutras palavras, uma ecosemiótica. Definindo-a, Nöth diz:

(...) ecosemiótica será um estudo de processos signícos que não está restrito a signos arbitrários e artificiais. Ela estará relacionada também, talvez, principalmente, com signos naturais que medeiam entre o organismo e seu ambiente. A ecosemiótica deverá ser uma abordagem à semiose, fundamentada na hipótese de um “limiar semiótico” muito sutil entre signos e não-signos, se é que ela não rejeite tal limiar completamente (1998: 333).

A mediação (comunicação) entre organismos e seu ambiente (orgânico ou não, ele questiona) através dos signos é o que sublinha, para Nöth, a ecosemiótica. Como não lembrar neste momento o exemplo citado por Bateson da comunicação mediada pelos sinais da bengala entre o cego e seu mundo invisível! Talvez seja para essa amplitude ecosemiótica que se dirigem os conceitos de mente e semiosfera. Se não, vejamos mais alguns detalhes abordados no artigo de Winfried Nöth e as possíveis confluências com os pontos de vista anteriores.

Quando apresenta os modelos históricos da relação entre o homem e seu ambiente, Nöth chama a atenção para o modelo pansemiótico para o qual a natureza é inteiramente semiótica. Embora apresente suas limitações, ecos deste modelo, segundo Nöth, ainda hoje se faz ouvir. A afirmação de Hauser no início deste artigo (i.e., “Nada funcionaria na ausência de comunicação”) é um reflexo da pansemiótica filtrada pelo postulado ecológico moderno. Tanto a pansemiótica como o tratado ecológico defendem uma visão holística do universo que se opõe aos privilégios decorrentes da divisão cartesiana entre mente e natureza. Como esta base binária tem-se provado muito frágil, a relação triádica peirciana, com uma forte tradição pansemiótica⁶, por exemplo, tem, não apenas, representado uma significativa revisão do pansemiotismo como também provocado uma redefinição do espaço onde se realizam comunicações semióticas: Semiosfera para Lotman, mente para Bateson,. Embora o termo “holístico” e a sintomática frase com a divisão “seres-humanos e seu ambiente natural” usados por Nöth possam comprometer a solidez das bases

⁶ Para Charles Peirce, “o universo inteiro está permeado por signos, se não composto exclusivamente de signos” (CP 5 448, fn.).

ecológicas modernas⁷, Nöth, com a citação seguinte, traduz plena e magistralmente as relações ecosemióticas na amplitude, principalmente, de um conceito de Mente como defendido por Bateson e de Semiosfera defendido por Lotman⁸. Vejamos:

Semiose nesse sentido não está de modo algum restrito a processos em organismos superiores, à cultura e à convenção social. Qualquer organismo biológico primitivo já interage semioticamente com seu ambiente com fins de sua própria *sobrevivência*. Tais interações triádicas do organismo com seu ambiente constituem um limiar semiótico do mundo não-semiótico para o mundo semiótico. Peirce vai bem além ao observar a presença da mente na natureza orgânica ao escrever: “O microscópio procura ver se os movimentos de uma pequena criatura demonstra algum propósito. Se isso acontece, há mente ali” (1998: 338) (ênfase do autor).

Também nesta citação, temos a sugestão de uma associação do “limiar semiótico” segundo Peirce e o conceito de “fronteira” segundo Lotman. O limiar peirciano separa as relações diádicas das triádicas. A passagem de uma para outra representa a passagem das relações não-semióticas para as relações semióticas no ambiente.

Embora semelhantes em suas características, o limiar peirciano e a fronteira semiosférica de Lotman diferem pelo tipo de processo semiótico que se entende ser realizado dentro/fora do espaço Mente/Semiosfera. Lotman lembra que, em suas origens, podem-se ver duas tendências de estudos semióticos: 1. por um lado, vemos Peirce e Morris para quem o signo é base ou elemento primário de toda relação semiótica e todas as relações semióticas a partir do signo são consideradas como sucessões de signos. 2. no outro, temos Saussure que distinguiu entre língua e fala e coloca o ato comunicacional como este elemento primário. Fundamenta o pensamento acima exposto, a concepção científica da época que defendia que “o objeto complexo se reduz a uma soma de objetos simples”. No entanto, pode-se afirmar hoje que não existem “sistemas precisos e funcionalmente unívocos” que trabalhem de forma isolada. Os sistemas semióticos convivem num meio heterogeneamente constituído e organizado ao qual chamamos de semiosfera.

O conceito de fronteira, em se tratando de Semiosfera, não enfatiza a divisão entre ‘dois’ (conceito dicotômico), mas a linha de divisão como filtro, como semiose. A semiosfera é um espaço de fronteiras e não um lugar. Ela também não se coloca em hierarquia entre o ‘bios’, ou o ‘sócios’, mas é um espaço de relações assimétricas entre todos eles. E neste sentido, Lotman diz: “A valorização do espaço interior e exterior não é significativa. Significativo é de fato a presença de uma fronteira” (1998: 139).

⁷ A totalidade organizada sugerida pelo termo “holismo” não tem lugar num universo de complexidade segundo Edgar Morin. A divisão seres humanos *versus* ambiente natural tende a privilegiar a posição do homem nesse ambiente, além de reforçar a disjunção cartesiana.

⁸ Lotman, lembremos, restringiu ilustrar a semiosfera com a intercomunicação cultural. Só que Cultura para Lotman não se restringe ao sociológico ou antropológico. Numa semiótica da cultura, segundo ele, o homem é ao mesmo tempo natura e cultura. Como outros elementos que compõem a cultura, o homem é também signo.

Assim, confrontando com a contribuição de Nöth destacada em parágrafo anterior, para Lotman o que se revela interessante não é o *organismus* ou *homo semioticus*, mas a semiose mesma que se processa na fronteira.

Para arrematar nossas considerações até aqui, podemos citar ainda Jakob von Uexküll com seus estudos biosemióticos. De certa forma, ele comunga com os conceitos apresentados pelos principais semioticistas aqui discutidos quando se refere à ambiente como *Umwelt* (Uexküll *apud* Nöth (1984: 339). Mas especificamente, ele fala de um mundo subjetivo interior a cada organismo que interage comunicacionalmente com sua mente. Explicando esta interação, Nöth diz que “*Umwelt*, nesse sentido, é a forma como o ambiente é representado na mente do organismo, e ela compreende o escopo da interação operacional do organismo com seu ambiente” (1984: 339). Pode-se dizer que este processo de percepção e representação tem um “encontro marcado” na fronteira semiosférica ou no limiar semiótico (preservadas as suas diferenças e semelhanças) sobre os quais falávamos acima.

Concluindo o que podemos chamar de primeira etapa neste artigo, podemos revisar que, ao tentarmos perceber as confluências existentes entre os conceitos de comunicação de alguns estudiosos – em destaque para Lotman, Bateson e Nöth – concluímos que, ainda que seus arrazoamentos se constituam em pontos de vista avançados em relação a postulados mais tradicionais (os conceitos de Semiosfera, Mente e Ecossemiótica são exemplos que, sem dúvida, inovam a definição de comunicação e contribuem para sua reformulação), ainda assim, podemos ver que tais conceitos partem de referências à linguagem e comunicação humanas (Lotman fala em “tomar consciência de si mesmo” quando trata de Semiosfera, e Bateson usa o termo “Mente” para discutir as relações de um organismo com seu ambiente). Vimos, no entanto, que tais termos não se fecham num círculo onde o homem possa ser o centro maior para o qual atos de comunicação afluem ou dali principiam. Não. Com Lotman, avançamos na concepção de comunicação que se realiza entre diversos sistemas culturais. Com Bateson, a mente humana representa apenas um subsistema dentro do grande sistema biosférico. Aqui, todos os organismos vivos demonstram “poder” de comunicação quando neles se percebe uma mente impulsionadora de objetivos a concretizar em relação com seu ambiente, daí a sugestão de *organismus semioticus* proposta por Nöth.

De qualquer forma, a tendência de estudar as diversas linguagens no mundo biosférico e cultural e suas potencialidades para comunicação tendo como referência a linguagem humana parece-nos justificável. Ainda assim, isso não fundamenta, a nosso ver, conclusões que hierarquizam essas linguagens, sobrevalorizando o nível de comunicação humano em detrimento dos demais. Segundo H. G. Widdowson (1997), o design da linguagem humana apresenta aspectos (arbitrariedade e dualidade) que apontam para uma flexibilidade para comunicação aparentemente exclusiva ao homem. No entanto, considerando a comunicação entre os animais “irracionais”, ele questiona:

Quantas características, e qual medida de sofisticação, um tipo particular de comunicação tem de ter para se qualificar como do tipo humano, e até mesmo em que grau? A comunicação animal pode parecer rudimentar para nós, mas não sabemos o quanto de seu potencial é de fato realizado. Pode ser que pássaros e abelhas e golfinhos pudessem revelar combinações mais complexas de aspectos esquemáticos se a ocasião permitisse. Eles podem ter mais habilidade do que seu comportamento real possa sugerir. (...) Tudo que sabemos (pelo menos por enquanto) é que eles podem ter um sistema de sinalização complexo e sutil, uma linguagem comparável a nossa, mas que exploram elementos visuais e auditivos que não são significativos para nós. (...) A tentativa de ensinar aos macacos a linguagem humana revela tão somente quão incapazes somos de conceber a linguagem fora dos termos humanos (1997: 8,11).

Ecosemiose na poesia de Walt Whitman

A partir de agora (podemos dizer, segundo momento deste artigo), desejamos continuar a discutir os posicionamentos aqui expostos e problematizados, com o aval da literatura. O último parágrafo onde destacávamos a citação de Nöth pode ser considerado o *link* para esta segunda etapa, se entendemos que, para o organismo humano, a arte representa o mundo em segunda-mão. Crowe (*apud* Kalevi Kull, 1998: 345) diz que “se precisa haver uma expressão de um relacionamento ideal com a natureza, a natureza também deve ser vista em estado idealizado”. Nada melhor tem traduzido este ideal do que as artes, mesmo que nesta representação/semiose algumas vezes vejamos a natureza com uma face humana, ou o *design* deste meio-ambiente através de formas lingüísticas e estéticas do ponto de vista humano.

De qualquer forma, um outro *link* já foi colocado desde o princípio deste artigo quando dizíamos que os pesquisadores aqui considerados mencionavam (ou apenas sugeriam) os artistas e suas artes como antecipadores de atuais postulados teóricos; entre outros, os postulados ecológicos da comunicação. A arte como tradução do mundo demonstra não apenas a possibilidade de representação da natureza e cultura em suas relações ecológicas, mas, permite que as idéias de seu tradutor possam se perpetuar depois de sua morte. Bateson esclarece:

O conteúdo sob a pele se torna aleatório no momento da morte e as vias dentro da pele são fortuitas. Mas as ideais, depois de uma nova transformação, podem circular pelo mundo sob a forma de livros ou obras de arte. Sócrates, enquanto indivíduo bioenergético, está morto, porém grande parte dele segue vivendo como componente da ecologia contemporânea das idéias (1993b: 491).

Um pouco mais adiante, Bateson parece ser mais incisivo quando afirma que tudo que ele próprio apresentou e discutiu em seu artigo, outros já pesquisaram e publicaram, ou já foi, de certa forma, *antecipado na arte e pela arte*. Ele diz: “Os poetas sabem disso tudo ao longo de todas as épocas, mas o resto de nós tem se

desencaminhado, desejando-se levar a toda sorte de reificações falsas de “si mesmo” e de separações entre o “si mesmo” e a “experiência” (1993b: 493).

O que passaremos a apresentar a partir de agora não pretende trazer as opiniões acima apresentadas a um denominador comum. A literatura entra neste momento como um exemplo que, entre outros, nos permite perceber a ‘Divindade em cada fragmento do Universo’. Se de um lado, ela é um sistema de representação do mundo, por outro a literatura pode discutir os processos de sua própria constituição⁹. No primeiro caso, esta representação pode lidar com um conteúdo que discute os processos de informação e comunicação intersistemas, ou seja, a arte vê o mundo em um de seus aspectos. No segundo (em que a arte se vê), a auto-reflexividade pode nos levar a perceber que a constituição artística está fundamentada num diálogo entre vários sistemas artísticos. Em ambos os casos, temos diálogo e comunicação.

Não seremos fartos em exemplos. Pretendemos com esta segunda parte instigar mais leituras que possam associar as recentes discussões em torno dos objetos comunicação e artes.

Walt Whitman é um dos nomes que se colocam diante de nós, quando o assunto é ecologia. A propósito, a citação por Gabriel Sarin¹⁰, epígrafe que serve de tema a este artigo, fala de Whitman como apóstolo desta Divindade Universal de que o homem é apenas um fragmento. Coincidentemente, é Bateson que também fala de um conceito de Mente como algo semelhante à concepção de divindade que temos. Ele diz:

(...) e existe uma Mente mais ampla da qual a mente individual é apenas um subsistema. A Mente mais ampla é comparável a Deus, e talvez seja isso que algumas pessoas chamam “Deus”, porém segue sendo imanente no sistema social total interconectado e na ecologia planetária” (1993b: 492).

É desta Divindade Mental que falam Sarin e Bateson, que também fala Whitman ao interpretar as relações ecológicas no âmbito da terra com seu poema *A song of the rolling earth*. Algumas passagens deste poema são suficientes para se perceber a antecipação do poeta às atuais pesquisas e deduções. Vejamos alguns versos:

No, those are not the words, the substantial words are in
the ground and sea,
They are in the air, they are in you.
Were you thinking that those were the words, those
delicious sounds out of your friends’ mouths?
No, the real words are more delicious than they.

⁹ “A obra de arte é um signo que também comunica o modo como é feita” (Eco, 1997: 50).

¹⁰ SARIN, G. Citado por Carl Sandburg à página viii da “Introdução” da antologia poética de Walt whitman (1950) *Leaves of Grass*. New York: Random House.

Human bodies are words, myriad of words,
(...)
Air, soil, water, fire – those are words,
I myself am a word with them – my qualities interpenetrate
with theirs – my name is nothing to them,
(...)
A healthy presence, a friendly or commanding gesture, are
words, sayings, meanings,
The charms that go with the mere looks of some men and
women, are sayings and meanings also.
(...)
The earth does not withhold, it is generous enough,
The truths of the earth continually wait, they are not
So conceal'd either.
They are calm, subtle, untransmissible by print,
They are imbued through all things
conveying themselves willingly,...

Embora não tenhamos apresentado aqui o poema em sua íntegra, estes poucos versos já são suficientes para divisarmos um dos seus aspectos mais interessantes: em termos modernos, o que se vê aqui é o postulado de uma *ecosemiótica*.

O poema fala de “palavras”, ou seja, de significações, de significados e significantes que não se expressam apenas linguocentricamente, como queria Saussure. *Não, as verdadeiras palavras são mais deliciosas do que as deliciosas palavras que saem da boca dos meus amigos*¹¹. Whitman via signo e linguagem em tudo e em todas as coisas no mundo natural. Nos elementos ar, terra, água, fogo. O próprio corpo do homem, por si só, já conteria miríades de palavras. Os gestos em si, o encanto e a fascinação que vão no olhar do homem, da mulher representam linguagens, significam coisas.

De acordo com o postulado semiótico da troca de significados e mensagens (portanto, comunicação), Whitman diz da interação comunicativa entre o homem e sua linguagem e as diversas linguagens no ambiente biosemiosférico: *Eu mesmo sou uma palavra com eles – minhas qualidades interpenetram com as deles – meu nome é nada para eles*. Neste momento não podemos deixar de lembrar de um dos artigos de Thomas Sebeok em que diz que todos os organismos vivos, seja o homem ou mesmo os fungos, em sua totalidade ou em suas partes, revelam um complexo de

¹¹ A tradução dos versos neste artigo é apenas técnica e de nossa autoria.

organização e ordem que resulta de uma semiose (intercomunicação de mensagens) entre esses seres ou de suas partes entre si (Sebeok, 1995).

O aspecto ecológico no seu sentido mais amplo é defendido em todo este poema. Na parte final deste excerto, Whitman diz que *A terra não retém ou recusa, ela é generosa o suficiente*. Adiante, ele chama a nossa atenção para esse diálogo que se realiza pelo *sêmeio*, mas que não é transmissível pela marca impressa. Desta forma, ele convoca nosso empenho para percepção e aprendizagem dessas outras linguagens. Numa palavra, pode-se ler neste trecho a idéia principal da semiótica como diria John Deely: a Semiótica lida com nossas “reflexões sobre o papel dos signos em estruturar a experiência e revelar a natureza e a cultura ao nosso entendimento”.

De fato, o poema de Whitman se constrói a partir do vocábulo “palavra”, e é dos processos comunicativos operados pelas “palavras” que fala o poema. Aparentemente, desde o título do poema, sugere-se que a própria Terra gira em torno de “palavras”. E “as palavras substanciais” (*the substantial words*) não são exclusividade do homem, elas estão em toda parte. Mesmo que Terra /biosfera seja, no poema, o espaço evidenciado onde essa comunicação se efetue, é a ‘palavra’ (ou, ousamos dizer, o *sêmeio*¹²) que se configura como veículo primordial destes atos comunicativos. A Terra fala, portanto. E é por estar plena de ‘palavras’, ‘falas’, e ‘significações’ (*words, sayings, meanings*), que se conclui que não é tanto o espaço físico onde essa fala se concretiza, mas a própria ‘fala’, i.e., as semioses dos elementos de que essa Terra se encontra plena, que nos leva a transpor a compreensão de Terra de simples biosfera para Semiosfera ou Mente.

Se no poema entendemos as ‘palavras’ como signos/sinais, também devemos lembrar que as mensagens intercambiadas na Terra/Semiosfera formam um complexo sígnico de sistemas que não são rígidos ou se bastam em sua textualidade. O processo de comunicação entre eles se dá, podemos dizer, pelo avançar fronteiras ou limiares semióticos que sutilmente distinguem cada um destes sistemas/textos. Assim, se o homem, como também o ar, a terra, a água e o fogo, são ‘palavras’, o homem, como sistema, pode ser esvaziado de suas características mais definidas e passar a ser parte do outro à medida que avança pelo limiar semiótico. Nos versos de Whitman, quando *minhas qualidades interpenetram com as deles – meu nome é nada para eles*. Os sistemas tendem à multivocalidade à medida que avançam nas esferas semióticas.

Em um outro poema seu, *Roots and leaves themselves alone*, Whitman dá mais um exemplo dessa interatividade semiótica. Nos versos que se seguem também percebemos a base ecológica em que se fundamenta essa interação ou ‘interpenetração’. Nas palavras do poeta:

Roots and leaves themselves alone are these,

¹² Eric Buysens foi mais específico atribuindo o termo *semias* para falar dos sinais que passam mensagens ao homem através dos sentidos deste (Eco, 1997: 14).

Scents brought to men and women from the wild
woods and pond-side,
(...)
If you bring the warmth of the sun to them they will open
and bring form, colour, perfume, to you,
If you become the aliment and the wet they will become
flowers , fruits, tall branches, and trees.

Como no poema anterior, constatamos também aqui processos comunicativos que vão além das relações inter-humanas (*Se você se tornar alimento e umidade, eles se tornarão flores, frutos...*), e que se constituem, igualmente, em ecosemiose. A respeito destas relações, Umberto Eco (1997) diz que

As correntes mais recentes da semiótica procuram incluir na categoria de signo todos os tipos de sinal considerados comunicativos que o homem ou outros seres recebem de outros seres ou da própria matéria inorgânica, classificando também entre os signos os sinais atribuídos ao código genético e as possíveis comunicações interestelares (1997: 31).

Por outro lado, ele considera tais processos como as *fronteiras extremas da comunicação*. Ora, se tomarmos o significado de *extrema* aqui como ‘distante’ ou ‘remoto’, contrariaríamos o que postulamos não apenas os pesquisadores e mesmo Whitman acima estudados, mas também a própria lógica dos fatos que nos põem a par da proximidade com que estas relações se efetuam no nosso mundo bio-, sócio-, e semiosférico. Ao tomarmos *extrema* por ‘radical’, a posição de Eco fica definida entre aqueles que se limitam a estudar os processos de comunicação na fronteira do humano. E parece ser esta mesma a proposta de seu livro cujo título, *O Signo*, se colocaria, diríamos, numa abrangência de alcance menor, se considerássemos os conceitos de Semiosfera, Mente e Ecologia aqui discutidos. No entanto, Umberto Eco, reconhece que um conceito de signo deve ser mais amplo do que as fronteiras lingüísticas. Esclarecemos nossa dúvida com a seguinte citação:

Devem-se pois recusar conclusões apressadas de lingüistas e semiólogos que recusaram o caráter de signo a fenômenos que não se adaptavam ao modelo lingüístico. Mas também devem-se igualmente evitar fáceis transposições do modelo lingüístico para tipos de signos que não o aceitam (1997: 96).

Esta citação poderia muito bem ser útil para uma conclusão não apenas do questionamento em nosso último parágrafo, mas, igualmente, para o antropocentrismo – ponto de discussão central de nosso artigo. Ela é lúcida o suficiente, corrobora as orientações dos pesquisadores aqui discutidos e nos induz a “ter os pés no chão” ao sugerir que, em se tratando de um assunto de tamanha complexidade como é a comunicação, devemos reprimir qualquer conclusão apressada de suas questões.

Logo, se poderíamos avançar em nossas discussões aqui? É certo que sim. O assunto não se esgota com as considerações dos pesquisadores aqui estudados, nem apenas com um único exemplo do vasto e fecundo campo das artes e suas surpreendentes revelações. O fato é que muitos outros nomes da Academia se encontram atualmente em pesquisas que confirmarão hipóteses já apresentadas com respeito ao escopo da comunicação e que resultarão em um conceito de comunicação que integra o homem num universo ecosemiótico em que ele se descobre apenas como um importante fragmento. Interessante tem sido observar nestas pesquisas (em áreas diversas como biologia, física, astronomia, computação etc.), a capacidade que cada uma delas tem demonstrado de transcender a especificidade de suas disciplinas e “comunicar”-se no desejável nível da transdisciplinaridade. Certamente este novo caminho tem contribuído para uma aceleração nas descobertas e revisões do nosso conhecimento. Refletir sobre os conceitos de comunicação a favor de sua revisão e possível ampliação pressupõe percorrer os caminhos da transdisciplinaridade. Voltando à última citação, queremos destacar que, sem dúvida, os pesquisadores da área da lingüística e da semiótica, ali sublinhados, têm colaborado significativamente para revisões em conceitos tradicionais como o de comunicação. Nada teria avançado, no entanto, se estas e outras áreas/disciplinas tivessem se mantido isoladas dentro de suas fronteiras. A semiótica, por ter como objeto de estudo o signo, tem, no nosso entender, dado um passo decisivo em direção à transdisciplinaridade e a conseqüente revisão de inveterados conceitos.

Fiquemos por aqui...

Referências

- BATESON, Gregory. “Forma, sustancia y diferencia”. In: *Pasos hacia una ecología de la mente*. (trad. Ramón Alcaide). Buenos Ayres/México: Carlo Lohlé, 1972.
- _____. “Epistemología y ecología: la cuestión (de lo que) es”. In: *Una unidad sagrada: pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Madrid: Gedisa, 1993
- _____. “Epistemología y ecología: mente/ambiente”. In: *Una uinidad sagrada: pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Madrid: Gedisa, 1993b.
- DEELY, John. In: <http://www.indiana.edu/~sign/semiotics.html>. Acesso em 7/10/2001.
- ECO, Umberto. *O Signo*. Lisboa: Presença, 1997.
- HAUSER, Marc D. *The evolution of communication*. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- KULL, Kalevi. “Semiotic ecology: different natures in the semiosphere”. In: Torop, Peeter et al (eds). *Sign systems studies*. (vol. 26). Tartu: Tartu UP, 1998.

-
- LOTMAN, Iuri M. “Acerca de la semiosfera”. In: *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. (Desidério Navarro, org). Madrid: Cátedra, 1998.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- _____. “Complexidade e a ética da solidariedade”. In: Castro, G. et al (orgs.) (1997). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- NÖTH, W. “Ecosemiotics”. In: Torop, Peeter et al (eds). *Sign systems studies*. (vol. 26). Tartu: Tartu UP, 1998.
- POSNER, R. “O mecanismo semiótico da cultura”. In: Mônica Rector & Eduardo Neiva (Orgs.). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SEBEEK, Thomas A. “Comunicacao”. In: Rector, Mônica & Neiva, Eduardo (orgs.) *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WIDDOWSON, H. G. *Linguistics*. Oxford: OU Press, 1997.
- WHITMAN, W. *Leaves of Grass*. New York: Random House, 1950.